

## A Dengue da Alma Brasileira

Lucy Coelho Penna, Ph.D.\*

### Sinopse

---

Diante da nova realidade nacional após a eleição que deu posse a um Presidente da República oriundo das classes populares, escolhi o tema para conversar com meus alunos. Ressaltei que estamos dando um passo original diante de nós mesmos e do mundo. A crença, o medo sentidos por todos me levou a considerar com eles a possibilidade de encarar um sentimento oculto de inferioridade na psique nacional. Pedi que escrevessem sobre o que pensavam que fosse a causa da eventual inferioridade sentida no fundo das incertezas. O resultado dessa conversa, acompanhado das considerações que me inspiraram constitui o corpo deste artigo. Compreendemos juntos que no calcanhar dos fracassos políticos frente às endêmicas questões nacionais está uma ferida ancestral. Uma boa terapêutica para ela vem das raízes da tradição indígena que precisa ser mais conhecida. Complementam outras sugestões para uma política educacional coerente com a ciência psicológica moderna que valoriza as antigas tradições da humanidade.

Palavras-Chave: Complexo da alma brasileira, renovação da identidade, terapêutica simbólica, doença como caminho de individuação coletiva, arquétipo do brasileiro cordial, persona e sombra nacional, liderança com auto-conhecimento.

---

Diante da nova realidade nacional após a eleição que deu posse a um Presidente da República oriundo das classes populares, escolhi o tema para conversar com meus alunos. O resultado dessa conversa, acompanhado das considerações que me inspiraram constitui o corpo deste artigo. Compreendemos juntos que no calcanhar dos fracassos políticos frente às endêmicas questões nacionais está uma ferida ancestral. Ela constela um complexo que fere a sustentação da nossa autonomia e liderança, pedindo uma terapêutica sábia.

Carregamos na alma as feridas abertas pelos colonizadores. Porém, não perdemos a nossa força e garra para lutar, alguns mais outros menos. Ainda há esperanças de que um dia encontremos em nós mesmos o antídoto para a cura definitiva dessa doença chamada complexo de inferioridade Joselita da Cruz expressa com estas palavras a indignação que espinha a pele dos

brasileiros e brasileiras. Na percepção desta jovem de 19 anos, cursando o primeiro ano de Administração, ainda temos jeito. Jeito para que?

Para metas novas. Diante da liderança do Presidente Luis Inácio Lula da Silva, o Brasil e a América Latina desenrolam a coluna, aprumam as costas, erguem a voz...e lutam. Inclusive para diminuir a pança. Símbolo da vida folgazã, da boa feijoada regada a cerveja, a barriga da prosperidade como é conhecida está em alta. Uma pitada de Sancho Pança nos faria bem? Nem sempre gorduchos, às vezes corredores pés de chinelo, muitos vindos da pobreza com as mãos estragadas pela dupla jornada de trabalho, erguemos a cabeça diante do mundo. Finalmente.

E rimos de nós mesmos. Colocamos apelidos no mínimo ridículos em personalidades em nossos campeões. São muitos Kaka, Marcelinho, Júnior, Ronaldinho, Rubinho, Nelsinho, nomes infantis que expressam carinho como se irmãos e filhos fossem da mesma grande família. Mesmo os marginais indiciados por crimes horrendos se beneficiam dessa qualidade sentimental popular que aproxima de casa um simpático fernandinho beira-mar.

Materialistas e místicos, amantes dos sentidos ou médiuns espíritas, ninguém descreve verdadeiramente a complexidade da alma brasileira. Estaria esta alma doente, sofrendo de uma inferioridade malsã?

*"A alma brasileira precisa aceitar e entender que a inferioridade não pode existir. Não podemos nos deixar abater"*, pede Luciana Alves Macedo, de 21 anos. O grito da geração que chega hoje ao terceiro grau é forte. Diante do aumento do desemprego, do êxodo rural, com aumento da criminalidade nas grandes cidades, a juventude está esfacelada pela ausência de rumos promissores. As tensões globais atormentam. Onde está a saída?

*"Temos de erguer a cabeça e sermos como Gandhi. Temos de lutar por nossos ideais, mas sem guerras. Temos de ser pacíficos !"*. A proposta da Larissa Prado, 20 anos, me comove e reanima. Foi buscar no líder indiano a referência para nós. Trouxe a imagem do velho sábio, capaz de renunciar a si mesmo no âmago de sua carne, para resgatar o valor do exemplo. Gandhi influenciou milhões, e ainda é referência marcante, pelo poder de sua coerência e verdade. Acreditou na capacidade de seus irmãos de várias etnias levantarem a cabeça com dignidade. Foi morto por um dos seus, como Cristo. Nunca duvidou que os ingleses tivessem um mínimo de honradez em sua alma. Tocou a todos, indianos e britânicos explorando pelo jejum seus sentimentos fraternos, o amor que lhe devotavam, a admiração irrestrita. Embora com traços semelhantes no misticismo, a população da Índia é bem diferente da nossa.

A meditação e a frugalidade indianas são o oposto da euforia das danças típicas nas orgias ritualísticas dos indígenas, embebidas com chicha. Essa

bebida fermentada feita de milho, macaxeira ou outros tubérculos é produzida pela mastigação das mulheres ( Midlin, 1997, p. 301) As festas tradicionais brasileiras agregam famílias ao redor de fartas mesas com caldeiradas, feijoadas e manissobas. Nossa religiosidade desenvolve-se menos atenta ao sentido íntimo da disciplina espiritual que ao colorido e à pompa exterior. Os cultos cristãos, sentimentais e sensoriais, quase não apelam para a vontade e para a razão. Não à toa a nossa República foi feita pelos positivistas, agnósticos, enquanto a Independência foi obra dos maçons. A solidariedade religiosa com os marginalizados, as etnias negra e indígena cresce apenas nas últimas décadas, minimizando o saldo de um débito secular.

### **Dengue anímico**

Quem poderia dizer o que nos amolece o corpo em preguiça continental? Uma endêmica dengue que faz tudo parecer "mais ou menos" roi o miolo do florão da América. Velhos antes de adultos maduros, uns e outros se lamentam da incompetência administrativa dos governantes, justificativa de que não vale a pena pagar tantos impostos para nada.

Mas se uma parte dos cidadãos e cidadãs está descrente da política, enquanto outra parcela dourada leva os seus dias fazendo piquenique, a maioria trabalha duríssimo nos grandes sertões, nas veredas do interior, resseca as mãos nos campos, madruga às portas das fábricas, amanhece nas filas de ônibus na lida diária. Somos um povo de muita garra, sim! O que nos aprisiona é um sentimento de menos valia, o vírus da inferioridade que corroe a construção de um futuro melhor.

O mosquito acasalado nas águas paradas e limpas instila na gente brasileira um vírus perigoso. As águas paradas, embora limpas, são um símbolo da emocionalidade ainda inconsciente. Um perigo encapsulado na cordialidade tradicional da nossa gente que atrás dessa atitude esconde o que realmente pensa e quer. É comum encontrar-se alguém que logo se torna unha e carne, mas tudo não gera nada, esvai-se na fumaça dos dias. Todos fazemos amigos, mas as amizades verdadeiras são raríssimas. Convidar para um cafezinho lá em casa é aproxima, porém vai distante a sinceridade. São gestos imprecisos, quase máscaras da vida social, impedindo um contato direto, coerente que envolvem na superfície sem trazer durabilidade, consistência, bem como consequência aos relacionamentos.

O complexo de inferioridade é um dos aspectos da emocionalidade pouco desenvolvida. Baseia-se na comparação das pessoas pelo exterior, uma vontade de imitar que vem da época em que os indígenas macaqueavam os franceses. Os nativos incorporavam os estranhos, seus trejeitos diferentes, sua fala arrevezada. Não deve entender-se que inferiorizavam-se, mas como crianças nuas quando vestem o paletó do pai, tentavam introjetar aquela

novidade da gente vestida em panos e botas. A inferioridade é algo posterior, vem instilada pela supremacia daqueles que se dizem melhores, os únicos filhos de Deus.

A dengue da alma brasileira vem da época da política da colônia que usa os missionários como ponta de lança para ferir de morte a fé indígena em seus símbolos. Nunca indolentes, nem parvos, os antigos donos da terra brasileira eram dignos lutadores pela sobrevivência, como nós o somos hoje. Seu perfil agora melhor conhecido através de inúmeros pesquisadores, mostra-se bem diferente do que se propala ainda nos livros que damos às crianças.

Crentes de que não vale a pena viver por valores contrários à sua verdade, resistem à dominação. Mas, há nações que negociam com franceses e holandeses, chegando a lutar com os portugueses. De todas as formas, sua inferioridade em armas de destruição foi fatal. Conduzidos ao cristianismo, foram domesticados como animais sem alma. O céu que lhes impuseram trouxe morte e destruição. O céu natural que os nativos conhecem manda chuva e sol como lhe apraz, sinais do contato com entidades superiores que agem aqui, no mesmo chão sagrado onde nasceram. Sem submeter-se, muitos indígenas preferem morrer em lugar de sofrer as humilhações impostas pelos europeus.

Os europeus vieram de outros chãos com os sentidos embrutecidos e os pecados condenados pela fé religiosa purificadora. Quando trouxeram os africanos, deixaram que morressem nos navios como bichos, sobrando aqueles mais fortes. São esses que, maculados, doentes, mas ainda batalhadores, enfrentam a inferioridade escrava. Chegam ao presente transformados em cidadãos e cidadãs, criativos, esportistas, líderes e trabalhadores. Tão seguros que podem denunciar os açoites encobertos nas mãos da parcela social que ainda pensa como sinhazinhas e sinhozinhos. A inferioridade moral de uns e umas fica, assim, revelada pela dignidade dos descendentes de escravos que nunca foram inferiores na alma, senão por força da política dos costumes.

Não estamos questionando se temos inferioridade, porque isso nos levaria a uma discussão sem fim. Exploramos a consciência de nossos jovens, que quando perguntados sobre este complexo na identidade brasileira, aceitaram sem duvidar que o tenhamos nós todos. É instigante que não questionem a existência dessa mácula em suas identidades, ao invés, aceitando-a, perguntam-se qual seria a sua origem.

A imagem da ferida aberta desde a colonização indica uma lesão na pele, o órgão que reveste a individualidade. A pele é o limite sensível, eloqüente, entre o Eu e o Mundo. Órgão de contato por excelência, a pele recebe e emite sinais de grande sutileza, pois age como um órgão de comunicação

especializado na interface entre o interior e o exterior. Além do que, a pele abriga outros órgãos sensoriais- paladar, audição, visão e olfato, bem como reveste internamente todos os canais dos aparelhos digestivo e respiratório. Uma lesão na higidez da pele abre à vulnerabilidade do meio interno. Ampliando a imagem chegamos ao ponto em que tal ferida se registra no processo que internaliza tudo o que vem de fora, alimentando, ou envenenando, a nossa intimidade saudável.

A perda no início da vida do nosso povo e uma seqüência traumática primordial abalam o parto da consciência coletiva brasileira. Criam uma questão na formação da nossa identidade. O momento do nascimento oficial do Brasil como nação reconhecida pela alteridade - o estrangeiro - está ferido com a inoculação virulenta da inferioridade.

Quem já foi apanhado pela dengue não esquece. O invisível terrorista deixa aquele que contagia sem ânimo, derreado, de miolo mole com uma febre de enlouquecer. Desejo de querer sair quando as pernas não obedecem, o corpo doendo, a cabeça girando. Sobrevive de caldos magros e de caribé, uma mistura de farinha de mandioca com açúcar muito comum no Norte e Nordeste.

Quem já sofreu a invasão do mosquitinho viu a morte de perto. Assustou, sai em galopada, quer viver, não deixa mais para amanhã o que pode fazer hoje. O dia de hoje é mais valioso depois da experiência de quase perder a alma e o corpo para um reles *Aedes*, mesmo que com sobrenome estrangeiro. Haveria um lado progressivo nesta doença tão regressiva?

Fiquemos com essa idéia: No nosso nascimento perante o mundo organizado do século 16 houve uma ferida que ainda sangra na consciência dos jovens universitários, sinal de que ela pode estar disseminada em outros grupos, como os próprios pais, os educadores, os políticos.

### **Inferiores até certo ponto**

A inferioridade sinaliza empobrecimento, perda de energias construtivas. Sangria no corpo e na alma há quinhentos anos: será que é isso que nos deixa tão reduzidos frente ao Outro, representado pelas nações ditas do "primeiro mundo"?

Estamos predestinados a ser "inho" para sempre? O nosso pendor acentuado para o emprego dos diminutivos serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos. "É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos, aproximando-os do coração", pontua Sérgio Buarque de Holanda (1995, p.148)

Outra manifestação equivalente é a tendência para a omissão do nome de família no tratamento social. Em regra, é o nome individual, de batismo, que prevalece. Corresponde à atitude de abolir as diferenças sociais, transpondo as formalidades, aceitando de bom grado as relações "de

simpatia". O nosso convívio em geral está embebido em uma ética emotiva que os estrangeiros penetram com dificuldade. Até para conquistar um freguês um comerciante tem necessidade de fazer dele um amigo.

Os velhos santos católicos estão por aqui em íntima confraternização com seus devotos. Santo Antonio é amarrado, virado de costas, o Bom Jesus de Pirapora desce do altar para festejar com o povo. A doura Santa Teresa de Lisieux é, para nós, santa Teresinha. Duas das principais entidades femininas foram encontradas pelas mãos calosas de trabalhadores, levadas para suas casas, de onde iluminaram noites com milagres maravilhosos - Nossa Senhora de Nazaré e Nossa Senhora Aparecida. A distância formal dos ritos cristãos europeus abre-se em contato afetivo, as imagens são acariciadas, tornam-se gastas pelas mãos cheias de carinho e suor. Precisamos do toque que aproxima do coração.

Cantos e danças levantam-se nas noites de culto, dentro ou no terreiro dos templos, ao redor de fogos. Perto das sensações alegres o convívio com o divino se faz como se humano fossem as sagradas criaturas.

### **O "homem cordial"**

A afetividade no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão alardeadas na imagem do povo brasileiro representam uma influência ancestral de convívio humano formado no meio rural e patriarcal. São expressões legítimas de um fundo emotivo rico, mas não devem ser tomadas por virtudes, civilidade, polidez. Funcionam, antes, como uma defesa, um certo disfarce que permite a cada um preservar as emoções genuínas.

O complexo de inferioridade, em existindo, corresponde a uma das conseqüências sombrias dessa persona cordial quando ela oculta a sinceridade, a autenticidade. Mostrando-se tão extrovertido e sempre fácil de contato, o "homem cordial" perde-se de si mesmo. Suas emoções, pensamentos e sentimentos mais íntimos ficam-lhe distantes ao adotar proximidades "falsas" com deus e o mundo. Viver consigo mesmo, apoiar-se sobre si próprio, recorrer às forças internas é mais difícil do que se admite, no perfil generalizado da gente brasileira.

O desequilíbrio entre a ênfase nas informações da História do mundo contrariamente à pobreza de informações precisas da nossa própria História confirma na mente juvenil que o "melhor está lá fora". O amplo desconhecimento do ser "daqui" contrasta com a enxurrada de imagens em como é bom ser "de lá".

O conhecimento de como tudo aqui começou é ainda muito pobre porque é tímido o interesse em fazer valer a identidade nacional. Tanto que um sociólogo e uma antropóloga ocupando altos cargos públicos celebraram com estrangeiros os quinhentos anos de vida do nosso país ao mesmo tempo em

que os índios Pataxó eram rechaçados da festa. Estes indígenas são descendentes daqueles que habitavam no litoral de Porto Seguro séculos antes de Cabral ali aportar.

Mesmo rejeitados por uma grande parcela da sociedade, esses brasileiros e brasileiras construíram um monumento no Monte Pascoal. No dia 19 de agosto de 2001, junto com os amigos das etnias Hã-hã-hãe e Maxakali celebraram dois anos de retomada simbólica do chão de seu ancestrais, reafirmando

*" que o Monte Pascoal é terra indígena, baliza da nossa História, salão das nossas festas e memória dos nossos antepassados. Terra que representa o canto do paihó, o sossego da onça pintada, o som do sabiá, o tinido da araponga, a sombra do jequitibá e tantas outras formas de vida da mata Atlântica que queremos preservar como sempre fizemos". ( Cacique Pataxó, Manifesto, 2001)*

Esta voz não é de inferiorizados, embora ressaiba a feridas longas, pensadas com lágrimas à luz de fogueiras incontáveis. É um exemplo de tenacidade, do tipo que a juventude precisa para honrar sua família e sentir-se pertencendo a uma egrégora de valor, abençoada pelos avós.

Exemplos da "cordialidade" de políticos frente aos estrangeiros em detrimento da verdade interna são virulentos. Mantém-se a fachada caiada, mas o santo tem cupim. Achei muito instrutivo que os Marúbo, uma nação indígena da Amazônia acredite que um grande cupinzeiro é um dos piores lugares para se atravessar depois da morte. Tem imagem melhor de devoramento por dentro do que a pessoa cair num daqueles imensos cupinzeiros que se espalham pelo interior das matas, assim como no agreste sertão?

### **Do "poder sobre" ao "poder com"**

Estamos precisando aprender com os avós da nossa História quais as imagens que fazem diferença na alma dos que nasceram aqui. Os projetos educacionais devem voltar-se para a pesquisa dos símbolos da alma antiga dessa terra, caso queiramos curar a ferida provocada pela colonização.

É possível que o sentimento de menos valia não se espalhe pelo território nacional com igual virulência. Talvez seja uma pestilência própria das metrópoles e suas adjacências. Nelas ressoa mais alto o falante das nações de primeiro mundo, ouvem-se os berros dos banqueiros internacionais levando nossos banqueiros de cadeirinha, comprando suas entranhas de honestidade e decência até deixa-los ocos, vazios de tudo, como se tivessem caído no cupinzeiro ainda em vida.

Nas vilas sertanejas, bem como cidades grandes e pequenas encontram-se outras conseqüências da ferida antiga. A arrogância dos políticos, das autoridades constituídas, bem como dos encarregados administrativos

torna-se esperada como se natural fosse. Vaidosos dos cargos auferidos, afetam segurança, desdenham contribuintes. Os consumidores duramente encontram guarida para suas queixas pois a hierarquia não deseja que sua vaidade seja comprometida com erros ou falhas. Quem esconde um complexo de inferioridade não pode ver suas fraquezas reveladas. A vaidade é muleta; a arrogância, máscara do santo de pau oco.

Mais fundo desce a faca que dilacera a dignidade das camadas menos protegidas da população quanto menor for a proteção educacional. Os padrões educacionais em vigor estão fomentando mais e mais o desassossego político porque não trazem valores humanos verdadeiros, embora encham a mente com números e os olhos com imagens virtuais. Justamente números e tecnologias que dão a menor nutrição ao processo educacional da personalidade com temperamento "cordial". O tipo psicológico brasileiro mereceria uma política educacional ampla privilegiando procedimentos com ênfase na disciplina mental e no desenvolvimento das relações interpessoais. Arte, todos os tipos de atividades criativas precisam estar mais presentes, além da aprendizagem de liderança com auto-conhecimento. Aprender a liderança de si mesmo é um fator urgente na política educacional brasileira para que a tecnologia do poder não esmague o ímpeto renovador da juventude.

Antes de mais nada, o complexo de inferioridade brota do regime político que instaura o poder sobre os outros, pessoas, objetos e recursos naturais. Está na hora de instaurarmos outra política educacional coerente com a base psicológica científica disponível. A nova direção do processo educacional beberá sua força do auto-conhecimento e da liderança modelada pelo conhecimento do poder com os outros. Não há crescimento sustentável com o "poder sobre" porque ele está levando a atitudes destrutivas. Mas sim com o "poder com" porque permite construir uma rede solidária através das diferenças sociais, sentimentais, étnicas para atingir o momento desejado por todos. Uma convivência pacífica neste país e no planeta.

O aumento das pesquisas científicas em base transdisciplinar sobre nossas origens, bem como a transformação dos objetivos educacionais de informativos em formativos nos valores da alma humana seriam duas vertentes que ajudariam a sanar a desorientação juvenil frente à propalada inferioridade de nosso país. Precisamos forjar uma cultura de valores verdadeiros no lugar da cultura de poderes aventureiros.

### **Terapêutica braba**

Uma volta sobre si mesmo, uma redescoberta do Brasil é o que nós merecemos, a geração que amadurece no parto do terceiro milênio. Nesta virada, há que realizar um encontro com as guardiãs da tradição, aquelas que estabilizam os grupos, seguram as comunidades. As mulheres mais velhas,

sabedoras de modos, costumes e história são valiosas e imprescindíveis para contrabalançar a unilateralidade dos autores masculinos importados privilegiados nas universidades. As gerações que hoje se preparam para cargos administrativos públicos bem que precisam aprender a escutar a voz das tradições. Há mais sob os céus do que a tecnologia computadorizada. Os mentores e mentoras de terceira idade têm contribuição a dar, assim como sabedorias antigas de outras nacionalidades. Se a política educacional abrir-se para a inclusão das antigas tradições nos projetos novos, teremos gerações melhor equilibradas para administrar o país em um futuro imediato.

Uma benção na direção renovadora dos costumes e da dignidade das tradições chega no movimento de integração das parteiras. Treinadas com modernas informações, usando luvas, mas com o antigo jeitinho das avós experientes, milhares de mulheres sábias entram agora nos lares do Norte e Nordeste. Em uma renovação que se estende de Recife ao Amapá, elas estão conduzindo criaturinhas à luz, com afeto, segurança, no aconchego familiar. Antes inferiorizadas frente aos hospitais, onde nem poderiam entrar, agora recebem aprendizado próprio e agem com digna autonomia, integrando calor humano com verdadeira cordialidade, no nascimento de novos brasileirinhos e brasileirinhas.

Uma gente que vai pedir novos padrões nos testes, transformando os métodos terapêuticos psicológicos importados em um futuro imediato. Pois esse nascimento em casa e com humanização investe de dignidade a mãe aumentando sua auto estima, firmando sua segurança como mulher. Beneficiárias da acolhida materna, as crianças trarão novas atitudes a serem observadas por educadores, psicólogos e pediatras em breve.

A chave das transformações culturais está com o gênero feminino, dizia Petho Sandor, em suas aulas de Cinesiologia Psicológica no instituto Sedes Sapientiae, São Paulo. Os Marúbo parecem compartilhar essa opinião do professor húngaro, naturalizado brasileiro. Criaram ritos de cura com cantos variados para lidar com as doenças. Sua terapêutica acompanha a atuação de espíritos -"Sroma" - que são mulheres que habitam em diferentes camadas dos cosmos. Elas também estão junto aos civilizados, dizem eles para espanto de quem vive nas cidades. Esses espíritos femininos curadores estão na água, nesta camada terrestre e nas árvores. São valentes e sabidas e brigam até vencer com o espírito das doenças. (Montagner, 1966).

Possam as "Sroma" nos ouvir neste momento, vindo em auxílio para extirpar o dengue da inferioridade da alma coletiva brasileira.

## Abstract

---

A reflection on the political taking off of Brazil after Luis Inacio Lula da Silva has won Presidency by the window of a supposed Brazilian complex of inferiority. Some possibilities of its presence are discussed taking into account psychological and ethnical background. The image of Aedes Egypt virus disease (dengue) presents an useful methafor for the consequences of the injury caused by that inferiority in the collective soul. The author comments undergraduate students points of view concerning the origins of such complex . Discussion includes indigenous repression during Portuguese colonization as one of the possible source of inferiority. Slavery as thou some masked prejudice still alive can also be responsible for some underevaluation among black people. These are signs of an old trauma that claims for reparation. In order to transform the inferiority some educational initiatives are suggested The key for therapeutic and educational programs must arise from a new political approach based on scientific findings instead of technology only. We need transdisciplinar fresh researches on Brazilian Historical background. Native people symbols must be evaluated as an alternative approach to European perspective in religion, ethics and gender relationship. The concept of leadership based on self knowledge shall help to improve next generation educational programmes to perform political functions.

---

## Referências Bibliográficas

- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. (1995) Raízes do Brasil. 26<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- CAIS DO PORTO(2003). Organização não governamental. Recife, PE. Site.
- MIDLIN, Betty - Moqueca de Maridos Rio de Janeiro: Record / Rosa dos Tempos, 1997. p. 301.)
- MONTAGNER, Delvair (1996). A Morada das Almas. Representação das Doenças e das Terapêuticas entre os Marúbo. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.
- PENNA, Lucy (2003) P'auachy p'una. São Paulo: Axis Mundi (em edição).
- PORANTIM (2001) ano XXIII, No. 238; Brasília DF, Setembro - 2001.

**\*Lucy Coelho Penna** - Psicóloga e psicoterapeuta, doutora em psicologia clínica pelo Instituto de Psicologia da USP. Pós doutorada pela Universidade de Toronto, Canadá. Ex-professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Adjunta da Universidade Católica de Goiás (

convidada) e da Universidade Salgado de Oliveira. Professora de Pós graduação e especialização em psicoterapia junguiana. Escritora, pesquisadora, estuda os mitos e os símbolos da alma brasileira, e a consciência feminina. Escreveu diversos artigos em revistas especializadas, além de três livros: **"Corpo Sofrido e Mal Amado"** e **"Dance e Recrie o Mundo "** ( Summus Ed. ). **" Saúde e Qualidade de Vida"** ( co-autoria, Editora Peirópolis). No prelo, **Pauaxipuna** , sobre a espiritualidade indígena da Amazônia, combina o estudo dos símbolos arquetípicos com a mitologia evidenciando a presença pré histórica de um culto a divindades femininas.

Para outras consultas, favor acessar <http://geocities.yahoo.com.br/lucypenna>